

**OS**  
**PÁSSAROS**  
**NO FIM**  
**DO MUNDO**  
**CHARLIE**  
**JANE**  
**ANDERS**

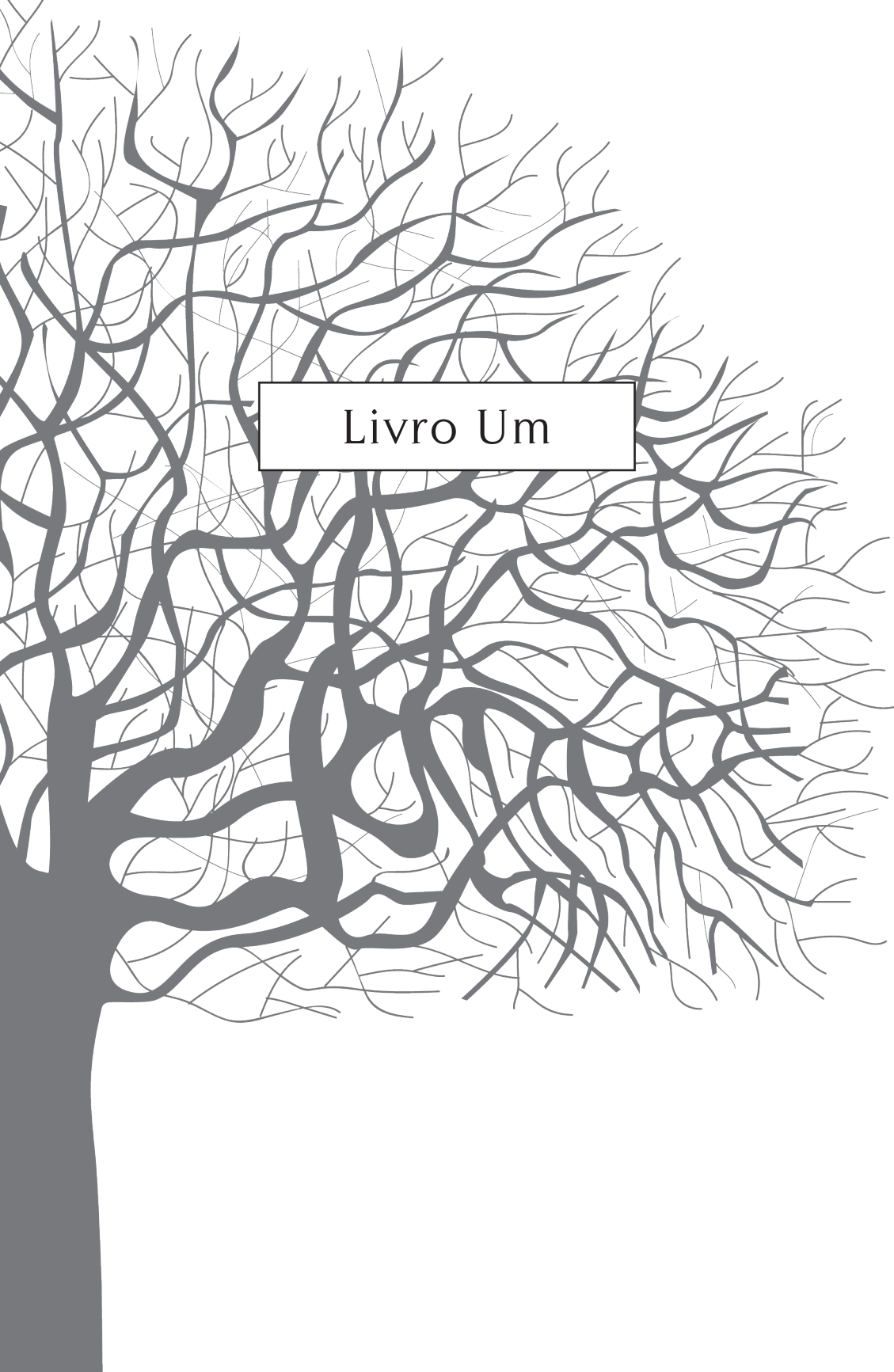
**PRÊMIO NEBULA**  
MELHOR ROMANCE

**PRÊMIO LOCUS**  
MELHOR ROMANCE  
FANTÁSTICO

**TOP  
SELER**

*No jogo da vida e da evolução há três jogadores à mesa:  
os seres humanos, a natureza e as máquinas.  
Estou categoricamente do lado da natureza.  
Mas suspeito que a natureza está do lado das máquinas.*

*George Dyson, Darwin Amongst the Machines*



Livro Um

# 1

Quando Patricia tinha 6 anos, encontrou um pássaro ferido. Um pardal magoado, em cima de um monte de folhas vermelhas molhadas, na dobra de duas raízes, abanando a sua asa esmagada. Chorando num tom quase demasiado alto para Patricia ouvir. Ela olhou para os olhos do pardal, envoltos por uma tira negra, e viu o medo dele. Não só medo, mas também tristeza — como se soubesse que em breve ia morrer. Patricia ainda não compreendia como é que a vida podia desaparecer para sempre do corpo de alguém, mas era capaz de saber que este pássaro estava a lutar com todas as suas forças contra a morte.

Patricia jurou do fundo do coração fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para salvar este pássaro. Isso levou a que uma pergunta fosse feita a Patricia, para a qual não havia resposta correta — marcando-a para o resto da vida.

Com uma folha seca, recolheu gentilmente o pardal e deitou-o no seu balde vermelho. Os raios do sol da tarde atingiram horizontalmente o recipiente e banharam o pássaro em luz vermelha, parecendo quase radioativo. O pássaro continuava a tentar virar-se, esforçando-se por voar só com uma asa.

— Está tudo bem — disse Patricia ao pássaro. — Já te tenho. Está tudo bem.

Patricia tinha visto bichos em sofrimento antes. A sua irmã mais velha, Roberta, gostava de colecionar animais selvagens e de brincar com eles. Roberta colocava rãs num *Cuisinart*<sup>1</sup> ferrugento que a mãe tinha deitado fora e enfiava ratos no lançador de foguetões caseiro, para ver até onde os conseguia disparar. Mas esta era a primeira vez que Patricia via um ser vivo em sofrimento, e de cada vez que olhava para os olhos do pardal, jurava com mais intensidade que este estava sob a sua proteção.

— O que se passa? — perguntou Roberta, abrindo caminho e esmagando os ramos próximos.

Ambas as raparigas eram pálidas com cabelo castanho-escuro, que crescia sempre muito liso, não importa o que se fizesse com ele, e narizes quase redondos. Mas Patricia era uma rapariga bravia e desmazelada, com uma cara arredondada, olhos verdes e com as suas jardineiras rasgadas sempre sujas de nódoas de relva. Já se estava a transformar na rapariga com quem as outras raparigas não se sentariam, porque ela era demasiado excêntrica, fazia piadas sem sentido e chorava quando o balão de alguém (não apenas o dela) rebentava. Roberta, por sua vez, tinha olhos castanhos, um queixo pontiagudo, e uma postura absolutamente correta quando se sentava numa cadeira de adultos, com o seu vestido branco imaculado. De ambas as gravidezes, os pais esperavam um rapaz e tinham escolhido um nome antes do nascimento. À chegada de cada uma das filhas, juntaram simplesmente um «a» ao nome previamente escolhido.

— Encontrei um pássaro ferido — disse Patricia. — Não consegue voar, tem a asa estragada.

— Aposto que o consigo fazer voar — replicou Roberta.

Patricia sabia que ela se estava a referir ao lançador de foguetões.

— Trá-lo aqui. Eu faço-o voar a sério.

— Não! — Os olhos de Patricia humedeceram-se e ela ficou com falta de ar. — Não podes, não podes.

E a seguir correu, enviesada, com o balde vermelho numa mão. Conseguia ouvir a irmã atrás ela, esmagando ramos. Correu mais depressa, de regresso a casa.

<sup>1</sup> Marca de robots de cozinha. [N. da E.]

Cem anos antes, a casa delas tinha sido uma loja de especiarias, e ainda cheirava a canela, açafrão-da-índia, curcuma, alho e um pouco a suor. O resistente chão de madeira rematado tinha sido pisado por visitantes vindos da Índia e da China, de todos os lados, trazendo todas as especiarias do mundo. Se Patricia fechasse os olhos e respirasse fundo, podia imaginar as pessoas a descarregar caixotes revestidos a madeira com carimbos de cidades como Marraquexe e Bombaim. Os pais dela tinham lido um artigo numa revista sobre renovação de casas de comércio coloniais e tinham adquirido este edifício, e agora berravam constantemente com Patricia, até se lhes verem as veias salientes na testa, dizendo-lhe para não correr dentro de casa nem riscar nenhuma das perfeitas mobílias de carvalho. Os pais de Patricia eram o tipo de pessoas que conseguiam estar de bom humor e zangadas quase ao mesmo tempo.

Patricia parou numa pequena clareira de áceres, perto da porta das traseiras.

— Está tudo bem — disse ela ao pássaro. — Vou levar-te para casa. Há uma velha gaiola no sótão. Sei onde a encontrar. É uma bela gaiola, tem um poleiro e um baloiço. Vou colocar-te lá e digo aos meus pais. Se te acontecer alguma coisa, retenho a respiração até desmaiar. Vou manter-te a salvo. Prometo.

— Não — respondeu o pássaro. — Por favor! Não me feches. Prefiro que me mates já.

— Mas — disse Patricia, mais surpreendida por o pássaro recusar a sua proteção do que por estar a falar com ela. — Eu posso manter-te a salvo. Posso trazer-te insetos ou sementes, ou qualquer coisa.

— Para um pássaro como eu, o cativo é pior do que a morte — disse. — Ouve. Consegues ouvir-me falar, certo? Isso significa que és especial. Como uma feiticeira. Ou algo assim. E isso quer dizer que tens o dever de fazer a coisa certa. Por favor.

— Oh!

Eram demasiadas coisas para Patricia digerir. Sentou-se numa raiz de árvore particularmente grande e tosca, com uma casca grossa que parecia um pouco húmida e que se assemelhava a rochas escarpadas.

Conseguia ouvir Roberta, na clareira ao lado, a bater nos arbustos e no chão com um grande pau em forma de Y, e ficou preocupada com o que aconteceria se ela os ouvisse falar.

— Mas — disse Patricia muito baixo, para a Roberta não ouvir —, mas a tua asa está magoada, certo? E eu preciso de tomar conta de ti. Estás paralisado.

— Bem. — O pássaro pareceu pensar por um momento. — Não sabes curar uma asa partida, pois não?

Sacudiu a asa magoada. À distância parecia cinzento-acastanhada, mas ao perto, ela podia ver laivos brilhantes vermelhos e amarelos ao longo das asas dele, uma barriga branca como leite e um bico levemente barbado.

— Não. Não sei nada. Desculpa!

— Está bem. Então podias simplesmente colocar-me numa árvore e esperar pelo melhor, mas o mais certo é eu ser comido ou morrer de fome. — A cabeça dele agitou-se. — Ou... quero dizer. Há uma coisa.

— O quê?

Patricia olhou para os joelhos, através dos buracos esfarrapados das suas jardineiras de ganga, e achou que as suas rótulas pareciam ovos esquisitos.

— O quê?

Olhou para o pardal dentro do balde, que por sua vez a estava a estudar com um olho, como se estivesse a tentar decidir se devia confiar nela.

— Bem — piou o pássaro — Quero dizer, podes levar-me ao Parlamento dos Pássaros. Se vais ser uma feiticeira, devias conhecê-los. São os pássaros mais espertos das redondezas. Encontram-se sempre na árvore mais majestosa da floresta. A maioria deles tem mais de 5 anos.

— Eu sou mais velha do que isso — disse Patricia. — Farei 7 anos daqui a quatro meses. Ou daqui a cinco.

Ouviu Roberta a aproximar-se, por isso, agarrou no balde e desapareceu a correr, embrenhando-se mais no bosque.

O pardal, cujo nome era Dirrpdirrpiwheepalong, ou Dirrp, para abreviar, esforçou-se por dar indicações a Patricia para chegarem ao

Parlamento dos Pássaros, mas dentro do balde não conseguia ver para onde ia. E as suas descrições dos pontos de referência a observar não faziam sentido para Patricia. Tudo aquilo lembrava-lhe dos exercícios de Cooperação da escola, nos quais ela era um caso perdido desde que a sua única amiga, Kathy, se tinha ido embora. Por fim, tal como a Branca de Neve, Patricia empoleirou Dirrp no seu dedo, e ele saltou para o ombro dela.

O sol pôs-se. A floresta era tão espessa que Patricia mal conseguia ver as estrelas ou a lua, e caiu algumas vezes, esfolando as mãos e os joelhos, enchendo de terra as jardineiras novas. Dirrp agarrou-se com tanta força à alça das jardineiras dela, que as suas garras a beliscaram e quase lhe rasgaram a pele. Cada vez tinha menos a certeza para onde iam, ainda que estivesse bastante confiante de que a majestosa Árvore ficava perto de um qualquer ribeiro, ou talvez de um campo. Ele achava realmente que era uma árvore muito volumosa, separada das outras árvores, e que quando olhada de um certo ângulo, os dois grandes ramos da Árvore Parlamentar pareciam abanar como asas. Além disso, ele era capaz de indicar facilmente a localização pela posição do sol. Se o sol ainda estivesse visível.

— Estamos perdidos no bosque — disse Patricia com um arrepio.  
— Provavelmente vou ser comida por um urso.

— Acho que não existem ursos nesta floresta — respondeu Dirrp.  
— E se um nos atacar, podias tentar falar com ele.

— Então, agora eu consigo falar com animais?

Patricia era capaz de compreender que isso seria útil, podia conseguir convencer o *poodle* da Mary Fenchurch a morder a dona, da próxima vez que ela fosse má para Patricia. Ou se a próxima babysitter contratada pelos pais tivesse um animal de estimação.

— Não sei — retorquiu Dirrp. — Nunca ninguém me explica nada.

Patricia decidiu que não havia nada a fazer, exceto subir à árvore mais próxima e ver se conseguia ver alguma coisa a partir daí. Uma estrada. Ou uma casa. Ou algum ponto de referência que Dirrp conseguisse reconhecer.



Estava muito mais frio no cimo do grande carvalho a que Patricia trepou. O vento encharcava-a, como se fosse água em vez de ar. Dirrp cobriu o bico com a asa boa e teve de ser persuadido a olhar em volta.

— Oh! Certo — tremelicou. — Deixa ver se consigo perceber esta paisagem. Isto não é o que se pode chamar de vista aérea. Vista aérea seria muito, muito mais alto do que isto. No máximo, isto é vista de esquilo.

Dirrp pulou e andou rapidamente à volta do topo da árvore até detetar o que pensou ser uma das árvores indicativas do caminho para a Árvore Parlamentar.

— Não estamos muito longe — já soava mais arrebitado —, mas temos de nos apressar. Nem sempre se reúnem durante a noite inteira, a não ser que estejam a discutir um assunto complicado. Ou a ter um Período de Perguntas. Mas é melhor que não seja o Período de Perguntas.

— O que é o Período de Perguntas?

— Não queiras saber — disse Dirrp.

Patricia estava a achar muito mais difícil descer do topo da árvore do que tinha sido subi-la, o que parecia injusto. Estava quase sempre a perder a firmeza, e a queda era de mais de três metros.

— Ei, é um pássaro — disse uma voz vinda da escuridão quando Patricia já estava próxima do chão. — Vem cá pássaro. Só te quero morder.

— Oh, não! — exclamou Dirrp.

— Prometo não brincar demasiado contigo — disse a voz. — Vai ser divertido. Vais ver!

— Quem é? — perguntou Patricia.

— É o Tommington — respondeu Dirrp. É um gato. Vive numa casa com pessoas, mas vem para a floresta e mata muitos dos nossos amigos. O Parlamento está sempre a debater o que fazer com ele.

— Oh! — disse Patricia. — Eu não tenho medo de um gatinho.

Tommington saltou, empurrando um grande tronco, e aterrou nas costas de Patricia, como um míssil com pelo. E garras afiadas. Patricia gritou e quase caiu de barriga para baixo.

— Sai de cima de mim! — disse ela.

— Dá-me o pássaro! — exigiu Tommington.

O gato preto de barriga branca pesava tanto como Patricia. Mostrou os dentes e silvou no ouvido de Patricia enquanto a arranhava.

Patricia fez a única coisa de que se lembrou: fechou uma mão sobre o pobre Dirrp, que estava a lutar pela vida, e atirou a cabeça para a frente e para baixo até se dobrar em duas e a sua mão livre quase tocar os dedos dos pés. O gato voou das suas costas, reclamando ao cair.

— Cala-te e deixa-nos em paz — disse Patricia.

— Tu consegues falar. Nunca conheci um humano que falasse. Dá-me esse pássaro.

— Não — disse Patricia. — Eu sei onde vives. Conheço o teu dono. Se te portares mal, faço queixa de ti.

Era uma meia verdade. Não sabia a quem Tommington pertencia, mas talvez a mãe soubesse. E, se Patricia chegasse a casa coberta de mordidelas e arranhões, a mãe ia ficar furiosa. Com a filha, mas também com o dono do gato. Não queiram ter a mãe de Patricia zangada convosco, porque ela é a mestre das zangas e é muito boa nisso.

Tommington aterrou nas pontas das patas, com o pelo todo eriçado e as orelhas afiadas como setas.

— Dá-me esse pássaro! — gritou.

— Não! — disse Patricia. — Gato mau.

Atirou uma pedra a Tommington. Ele uivou. Ela atirou outra pedra. Ele fugiu.

— Vem — disse Patricia ao Dirrp, que não tinha grande escolha na matéria. — Vamos sair daqui.

— Não podemos permitir que aquele gato saiba onde fica o Parlamento — sussurrou Dirrp. — Se ele nos seguir, pode descobrir a Árvore. Isso seria uma desgraça. Devíamos andar às voltas, como se estivéssemos perdidos.

— Nós *estamos* perdidos — respondeu Patricia.

— Tenho uma ideia, mais ou menos astuta, de para onde devemos ir a partir daqui — disse Dirrp. — Pelo menos uma noção.

Alguma coisa restolhou nos arbustos rasteiros atrás da árvore maior, e, por um segundo, o luar fez reluzir um par de olhos emoldurados por pelo branco e uma coleira com chapa de identificação.

— Estamos perdidos! — murmurou Dirrp num triste trinado.  
— Aquele gato pode perseguir-nos para sempre. Mais vale dares-me à tua irmã. Não há nada a fazer.

— Espera um minuto.

Patricia estava a lembrar-se de uma coisa acerca de gatos e árvores. Tinha-a visto num livro ilustrado.

— Segura-te bem, pássaro, segura-te bem.

A única resposta de Dirrp foi agarrar-se com mais força às jardineiras de Patricia. Patricia olhou para algumas árvores até encontrar uma com ramos suficientemente robustos, e subiu. Estava mais cansada do que da primeira tentativa, e os pés escorregaram-lhe algumas vezes. Ergueu-se para o ramo seguinte com ambas as mãos, olhou para o seu ombro e não viu Dirrp. Perdeu o fôlego até conseguir ver a cabeça dele a espreitar nervosamente por cima do ombro dela, e percebeu que ele se estava a agarrar ao fundo da alça, na parte das costas.

Finalmente, chegaram ao cimo da árvore, que se agitava um pouco com o vento. Tommington não os seguia. Patricia olhou duas vezes em redor, antes de ver uma forma peluda redonda no chão, ali perto.

— Gato estúpido — gritou. — Gato estúpido. Não consegues chegar até nós!

— És a primeira pessoa que conheço que fala — uivou Tommington.  
— E achas que *eu* sou estúpido? Grraah! Prova as minhas garras!

O gato, que provavelmente tinha prática a subir um desses poleiros alcatifados em casa, subiu pelo lado da árvore, lançou-se para um ramo, e depois para um ramo mais alto. Antes de Patricia e Dirrp perceberem o que se passava, o gato já estava a meio da subida.

— Estamos encurralados. Em que é que estavas a pensar? — cantou Dirrp.

Patricia esperou até Tommington chegar ao topo, depois balançou-se para o outro lado da árvore, caindo de ramo em ramo tão depressa que quase distendeu o braço, aterrando, por fim, de rabo no chão com um ai.

— Ei — disse Tommington do cimo da árvore, onde os seus grandes olhos refletiam o luar. — Onde é que se meteram? Voltem para aqui!

— És um gato mau — disse Patricia. — És um mauzão e vou deixar-te aí em cima. Devias pensar no que estiveste a fazer. Não é bonito ser-se mau. Vou certificar-me de que amanhã alguém te vem buscar. Mas, por ora, podes ficar aí em cima. Tenho que ir fazer uma coisa. Adeus.

— Espera! — disse Tommington. — Não posso ficar aqui em cima. É muito alto! Tenho medo! Volta!

Patricia não olhou para trás. Ouviu Tommington a gritar durante muito tempo, até terem atravessado uma longa fileira de árvores. Perderam-se mais duas vezes. A dada altura, antes de terem dado com o caminho que levava à Árvore secreta, Dirrp começou a chorar com o bico enfiado na asa boa. Ainda tinham pela frente uma encosta coberta de raízes e uma íngreme subida de dar cabo da coluna.

Patricia viu primeiro o topo da Árvore Parlamentar, mas à medida que se aproximava, esta pareceu sobressair da paisagem, tornando-se cada vez mais alta. Tal como Dirrp tinha dito, a Árvore era mais ou menos em forma de pássaro, mas em vez de penas tinha ramos escuros e espinhosos com folhas que chegavam ao chão. Parecia a maior igreja do mundo. Ou um castelo. Patricia nunca tinha visto um castelo, mas calculou que se ergueriam assim.

Cem pares de asas esvoaçaram à chegada deles e, depois, pararam. Uma enorme coleção de formas encolheu-se dentro da Árvore.

— Está tudo bem — berrou Dirrp. — Ela está comigo. Feri a minha asa. Ela trouxe-me aqui para ser ajudado.

Durante muito tempo a única resposta foi o silêncio. Depois, quase do cimo da Árvore, uma águia ergueu-se, um pássaro de cabeça branca com um pálido bico em gancho e olhos inquisidores.

— Não a devias ter trazido aqui — disse a águia.

— Desculpe, senhora — disse Dirrp. — Mas está tudo bem. Ela consegue falar. Falar de verdade.

Dirrp girou para falar ao ouvido de Patricia.

— Mostra-lhes. Mostra-lhes.

— Hum, olá — disse Patricia. — Peço desculpa se vos incomodamos. Mas precisamos da vossa ajuda.

Ao ouvirem um humano a falar, todos os pássaros fizeram um chinfrim de grasnados e berraria, até que uma enorme coruja, que estava junto da águia, bateu com uma pedra num galho e gritou:

— Ordem, ordem.

A águia inclinou a sua felpuda cabeça branca para a frente e estudou Patricia.

— Então tu é que és a nova feiticeira da floresta?

— Eu não sou uma feiticeira — Patricia mordeu o polegar. — Sou uma princesa.

— Seria melhor se fosses uma feiticeira.

O grande corpo escuro da águia deslocou-se no ramo.

— Porque se não fores, o Dirrp quebrou a lei ao trazer-te até nós. E terá de ser punido. Se for esse o caso, não o ajudaremos a curar a asa.

— Oh! — exclamou Patricia. — Nesse caso, acho que sou uma feiticeira.

— Ah! — A águia estalou o seu bico em forma de gancho. — Mas terás de o provar. Ou tanto tu como o Dirrp serão castigados.

Patricia não gostou de ouvir isso. Vários outros pássaros falaram, dizendo «Ponto de ordem!», e um corvo inquieto estava a enumerar várias áreas importantes do procedimento parlamentar. Um dos pássaros era tão insistente que a águia se viu forçada a dar o ramo ao Honorável Cavalheiro do Grande Carvalho — que depois se esqueceu do que ia dizer.

— Então, como é que eu provo que sou uma feiticeira?

Patricia perguntava-se se poderia fugir. Os pássaros voam muito rápido, não voam? Se eles estivessem zangados com ela, possivelmente não conseguiria escapar a um grande grupo de pássaros. Especialmente a pássaros mágicos.

— Bem.

Um peru gigante, num dos ramos mais baixos, com barbilhões que se assemelhavam ao colarinho de um juiz, esticou-se e pareceu consultar umas marcas arranhadas dentro do tronco da Árvore, antes de se virar e fazer um alto e conhecedor som «glu».

— Bem — disse ele novamente — há vários métodos reconhecidos na literatura. Alguns deles são combates até à morte, mas penso

que podemos deixar esses de lado. Também há alguns rituais, mas precisas de ter uma certa idade para os executar. Oh! sim, aqui está um bom. Podíamos fazer-lhe a Pergunta Interminável.

— Oh, a Pergunta Interminável! — disse um ganso. — Isso é entusiasmante.

— Nunca ouvi ninguém responder à Pergunta Interminável — replicou um açaor. — Isso é mais divertido do que o Período de Perguntas.

— Hum — disse Patricia. — A Pergunta Interminável demora muito tempo? Porque aposto que os meus pais estão muito preocupados comigo.

Acabara de se lembrar de que passava muito da hora de ir para a cama, que não tinha jantado e que estava no meio do bosque gelado, já para não falar de que ainda estava perdida.

— Demasiado tarde — disse o ganso.

— Vamos fazer a pergunta — disse a águia.

— Aqui está a pergunta — disse o peru. — Uma árvore é vermelha?

— Hum — disse Patricia. — Podem dar-me uma pista? É «vermelha» como a cor?

Os pássaros não responderam.

— Podem dar-me mais tempo? Prometo que respondo, só preciso de mais tempo para pensar. Por favor. Preciso de mais tempo. Por favor?

Depois disso, Patricia só se recorda do pai a ter recolhido nos seus braços. Ele vestia a sua camisa estampada, a barba ruiva encostava-se-lhe à cara, e ele estava quase sempre a deixá-la cair, porque tentava desenhar complicadas fórmulas de estimativa enquanto a carregava ao colo. Mas continuava a ser tão perfeito e tão acolhedor ser levada para casa pelo pai, que Patricia não se importou.

— Encontrei-a na orla do bosque perto de casa — disse o pai à mãe. — Deve ter-se perdido e tentado sair do bosque. É um milagre ela estar bem.

— Quase nos pregaste um susto de morte. Temos andado à tua procura, juntamente com todos os vizinhos. Juro que deves achar que o meu tempo não tem valor. Fizeste-me perder o prazo de entrega de uma análise de produtividade de Gestão.

A mãe de Patricia tinha o cabelo escuro puxado para trás, o que fazia com que o seu queixo e o seu nariz parecessem mais pontiagudos. Os seus ombros ossudos curvavam-se quase até aos brincos antigos que usava.

— Só quero perceber o que se passa — disse o pai de Patricia. — O que é que nós fizemos que te levou a agir desta maneira?

Roderick Delfine era um génio do imobiliário, trabalhava muitas vezes a partir de casa e tomava conta das raparigas quando estavam entre babysitters, sentado à bancada do pequeno-almoço numa cadeira alta, com a cara enterrada em equações. Patricia também era muito boa a matemática, exceto quando pensava demais nas coisas erradas, como o facto de o número 3 parecer um 8 cortado ao meio, e, por isso, dois 3 terem de ser um 8.

— Está a testar-nos — disse a mãe de Patricia. — Está a testar a nossa autoridade, porque temos sido brandos com ela.

Belinda Delfine tinha sido ginasta e os seus pais tinham imposto toneladas de pressão sobre ela para se distinguir. Mas ela nunca compreendera para que é que as ginastas precisavam de ter juizes, em vez de medirem tudo usando câmaras e, talvez, lasers. Tinha conhecido o Roderick depois de ele ter começado a aparecer em todos os encontros dela, e juntos inventaram um sistema de aferição totalmente objetivo para a ginástica, que nunca tinha sido posto em prática.

— Olha para ela. Está a rir-se de nós — disse a mãe de Patricia, como se Patricia não estivesse presente. — Temos de lhe mostrar que falamos a sério.

Patricia não achava que se estivesse a rir, mas agora estava aterrorizada por poder dar essa impressão. Tentou arduamente dar à cara uma expressão séria.

— Eu nunca fugiria dessa maneira — disse Roberta, que deveria ter deixado os três sozinhos na cozinha, mas que tinha entrado para ir buscar um copo de água. Aproveitando para se gabar.

Trancaram Patricia no quarto durante uma semana, enfiando-lhe comida por baixo da porta. O fundo da porta tendia a raspar a camada superior de qualquer tipo de comida. Por exemplo, se fosse uma sanduíche, a parte de cima do pão era levada pela porta.

Ninguém quer comer uma sanduíche depois de a porta do quarto ter dado a primeira dentada, mas se ficarmos com demasiada fome, vamos comê-la na mesma.

— Pensa no que fizeste — disseram os pais.

— Fico com as sobremesas dela durante sete dias — disse Roberta.

— Não, não ficas — respondeu Patricia.

Toda a experiência com o Parlamento dos Pássaros tornara-se algo turva para Patricia. Recordava-a maioritariamente em sonhos e fragmentos. Uma ou duas vezes, na escola, lembrou-se de um pássaro lhe ter perguntado qualquer coisa. Mas não conseguia recordar-se ao certo de qual tinha sido a pergunta, ou se tinha respondido. Enquanto ficara fechada no quarto, tinha perdido a capacidade de compreender a linguagem dos animais.



## 2

**E**le detestava que lhe chamassem Larry. Não o suportava. Por isso mesmo, claro, toda a gente lhe chamava Larry, por vezes até os pais.

— O meu nome é Laurence — insistia ele, olhando para o chão.

— Com um U, não com um W.

Laurence sabia quem era e o que era, mas o mundo recusava-se a reconhecê-lo.

Na escola, os outros miúdos chamavam-lhe Larry Tagarela ou Larry Fada. Ou, quando se zangava, Larry Assustador, apesar de isso ser um raro exemplo de ironia entre os seus colegas trogloditas, pois Larry não era nada assustador. Geralmente, isso era antecedido de um «Ooh», para fazer a piada ter sentido. Não que Larry quisesse ser assustador. Só queria ser deixado em paz e, talvez, que as pessoas que quisessem falar com ele pelo menos acertassem no seu nome.

Laurence era um miúdo pequeno para a idade, com o cabelo da cor das folhas no fim do outono, e braços que pareciam pescoços de serpentes. Os pais compravam-lhe roupa um tamanho e meio acima, porque estavam sempre a pensar que, a qualquer momento, ele iria ter um surto de crescimento, e estavam a tentar poupar dinheiro. Por isso, ele andava sempre a tropeçar nas perneiras das suas calças

de ganga demasiado largas e demasiado compridas, e as mãos desapareciam dentro das mangas das camisolas. Mesmo se Laurence quisesse mostrar uma pose intimidante, a falta de mãos e pés visíveis torná-lo-iam difícil.

Os únicos momentos alegres da vida de Laurence eram os jogos ultraviolentos da *Playstation*, nos quais vaporizava milhares de oponentes imaginários. Depois, Laurence descobriu outros jogos na Internet — puzzles que levava horas a desvendar e os MMO<sup>2</sup>, nos quais Laurence travava intrincadas campanhas. Não levou muito tempo até Laurence começar a escrever o seu próprio código.

Em tempos, o pai de Laurence tinha sido muito bom com computadores. Depois tinha crescido e arranjado um emprego no setor dos seguros, onde uma cabeça para números também fazia jeito, mas não era coisa de que se quisesse ouvir falar. Agora estava sempre a passar-se, berrando que ia ficar sem o emprego e iam todos passar fome. Antes de ficar grávida e de o seu orientador se demitir, a mãe de Laurence andava a trabalhar numa tese de doutoramento em Biologia, depois, fez uma pausa e nunca mais regressou à escola.

Tanto o pai como a mãe se preocupavam muito por Laurence passar cada minuto acordado em frente a um computador e por poder vir a ser socialmente disfuncional, como o tio Davis. Por isso, forçaram Laurence a ir a uma infundável sucessão de aulas do tipo Tirá-lo De Casa: judo, dança moderna, esgrima, polo aquático para principiantes, natação, comédia de improviso, boxe, salto em queda livre, e, o pior de tudo, Fins de Semana de Sobrevivência na Natureza. Cada uma das aulas simplesmente obrigava Laurence a vestir mais um uniforme largueirão, enquanto os outros miúdos gritavam «Larry, Larry, Sempre do Contra!», e o mantinham debaixo de água, e o atiravam do avião antes do tempo, e o forçavam a improvisar enquanto o seguravam pelos tornozelos, de cabeça para baixo.

Laurence perguntava-se se haveria outro miúdo chamado Larry, com uma atitude «bora lá» quando era deixado numa montanha algures. Larry podia ser a versão de Laurence num universo paralelo, e talvez tudo o que Laurence precisasse de fazer era usar toda a energia

---

<sup>2</sup> MMO — Jogos de Multijogadores. [N. da E.]

solar que atingia a Terra por um período de mais ou menos cinco minutos, de modo a poder gerar uma fissura localizada no espaço-tempo na sua banheira, e ir raptar Larry ao outro universo. Dessa forma Larry podia sair e ser atormentado, enquanto Laurence ficava em casa. A parte difícil era descobrir como abrir um buraco no universo antes do torneio de judo, que iria acontecer dentro de duas semanas.

— Ei, Larry Fada — disse Brad Chomner, na escola —, pensa rápido.

Era uma das frases que nunca fizera sentido para Laurence. As pessoas que te mandavam «pensar rápido» eram sempre aquelas que pensavam mais devagar do que tu. E só o diziam quando estavam prestes a contribuir com qualquer coisa para a inércia mental coletiva. E, no entanto, Laurence nunca tinha encontrado a resposta perfeita para «Pensa rápido», e não teria tempo para dizer o que quer que fosse, dado que, geralmente, alguma coisa desagradável o atingia um segundo mais tarde. E Laurence tinha de se ir limpar.

Um dia, Laurence encontrou uns diagramas na Internet, imprimiu-os e leu-os uma centena de vezes antes de começar a perceber o que significavam. Uma vez combinados com um esquema de uma bateria solar que encontrou enterrado num fórum online, começou a ter o princípio de alguma coisa. Roubou o velho relógio à prova de água do pai e combinou-o com algumas partes de micro-ondas e telemóveis que tinha recolhido do lixo. E ainda algumas partes que arranjou na loja de eletrónica. Depois de tudo isto, tinha uma máquina do tempo funcional que lhe cabia no pulso.

O dispositivo era simples: só tinha um pequeno botão. De cada vez que se premia o botão, avançava-se dois segundos no tempo. Era tudo o que fazia. Não havia maneira de prolongar a duração ou de andar para trás. Laurence tentou filmar-se com a sua *webcam* e descobriu que quando carregava no botão, quase desaparecia por um ou dois piscares de olhos. Mas só se podia usar de vez em quando, ou ficava-se com a pior dor de cabeça da nossa vida.

Uns dias mais tarde, Brad Chomner disse:

— Pensa rápido.

E Laurence pensou rápido.

Premiu o botão do pulso. A bolha branca que vinha a acelerar na sua direção aterrou com estrondo à sua frente. Toda a gente olhou para Laurence e para o rolo de papel higiénico encharcado a desfazer-se na tijoleira do chão, e novamente para Laurence. Laurence colocou o seu «relógio» em modo silencioso, o que significa que não iria funcionar com mais ninguém que lhe tentasse mexer. Mas não precisava de se ter preocupado — toda a gente pensou que Laurence se tinha esquivado, com reflexos sobre-humanos. O Professor Grandison saiu a bufar da sua sala de aula e perguntou quem tinha atirado o rolo de papel, e toda a gente disse que tinha sido Laurence.

Ser capaz de saltar dois segundos podia ser muito útil — se fossem escolhidos os dois segundos certos. Como quando estamos à mesa de jantar com os pais, e a mãe acaba de dizer uma coisa sarcástica sobre o pai ter sido novamente ultrapassado numa promoção, e se sabe que o pai está prestes a ter uma curta, mas letal, explosão de ressentimento. É preciso ter-se um sentido de oportunidade divino para escolher o instante exato em que a provocação vai ser lançada. Há centenas de indicadores principais: o cheiro do estufado cozinhado em excesso, a sensação de a temperatura da sala estar a baixar ligeiramente. O tiquetaque do fogão a perder força. E assim pode-se deixar a realidade para trás e reaparecer para o rescaldo.

Mas havia muitas outras ocasiões. Como quando Al Danes o fez voar da gaiola de trepar até à caixa de areia do recreio. Laurence desmaterializou-se ao aterrar. Ou quando uma rapariga popular se estava a aproximar, e a fingir ser simpática para ele, apenas para se poder rir disso com as amigas enquanto se afastavam. Ou quando um professor começava um discurso particularmente aborrecido. Mesmo cortar dois segundos fazia diferença. Ninguém parecia reparar que ele tinha deixado de existir naqueles dois segundos, talvez por ser preciso olhar diretamente para ele, e a verdade é que nunca ninguém o fazia. Se, pelo menos, Laurence conseguisse usar o dispositivo mais do que algumas vezes ao dia sem ficar com dores de cabeça.

Além disso, avançar no tempo apenas evidenciava o problema principal: Laurence não tinha nenhuma razão para existir.

Pelo menos era assim que Laurence se sentia, até ter visto a imagem da elegante forma a reluzir à luz do sol. Olhou para as curvas aerodinâmicas, para o belo cone do nariz e para os poderosos motores, e alguma coisa dentro dele acordou. Uma sensação que não tinha há muito tempo: excitação. Esta nave espacial faça-voçê-mesmo, de financiamento particular, ia ser colocada em órbita graças ao excêntrico investidor tecnológico Milton Dirth e a meia dúzia dos seus amigos fabricantes e estudantes do MIT. O lançamento seria daí a alguns dias, perto do campus do MIT, e Laurence tinha de estar presente. Nunca tinha desejado nada na vida como ver o lançamento pessoalmente.

— Pai — disse Laurence.

Já tinha começado mal: o pai estava a olhar para o portátil, com as mãos em concha, como se quisesse proteger o bigode, cujas pontas entravam nas profundas rugas em torno da boca. Laurence tinha escolhido uma má altura para fazer isto. Demasiado tarde. Estava empenhado.

— Pai — disse Laurence outra vez. — Há uma espécie de teste de um foguetão, na terça-feira. Está aqui o artigo sobre o assunto.

O pai de Laurence começou a tentar despachá-lo, mas, a dada altura, alguma resolução meio esquecida sobre dedicar tempo à paternidade entrou em ação.

— Oh!

Continuou a olhar para o portátil, que tinha uma folha de cálculo aberta, até a fechar e prestar a Laurence o máximo de atenção possível.

— Sim. Ouvi falar disso. É aquele tipo, o Dirth. Hum! Uma espécie de protótipo leve, certo? Que poderia vir a ser usado no lado oculto da lua. Ouvi falar disso.

Depois, o pai de Laurence começou a fazer uma brincadeira com uma banda do passado chamada Floyd, marijuana e luz ultravioleta.

— Sim. — Antes que a conversa se afastasse dele, Laurence cortou a torrente do pai. — É isso. Milton Dirth. E quero mesmo ir ver. Isto é uma hipótese num milhão. Pensei que podíamos fazer disto um momento entre pai e filho.

O pai não podia recusar um momento entre pai e filho, seria o mesmo que admitir ser um mau pai.

— Oh!

O pai tinha uma ponta de embaraço nos olhos encovados, por trás dos óculos quadrados.

— Queres ir? Na próxima terça-feira?

— Sim. Mas... Bem, eu tenho trabalho. Há um projeto, e neste tenho de ser bem-sucedido ou vou ficar mal visto. E sei que a tua mãe ficaria chateada se faltasses à escola assim do nada. Além disso, bem, podes ver no computador. Vai haver uma ligação por *webcam* ou algo do género. Sabes que ao vivo essas coisas são aborrecidas. É muito tempo de pé e, metade das vezes, acabam por ser adiadas. Se lá estiveres, nem vês nada. Tens uma vista muito melhor através da net.

O pai de Laurence falava como se se estivesse a convencer a si mesmo tanto quanto ao filho.

Laurence fez que sim com a cabeça. Quando o pai começava a amontoar razões, não valia a pena discutir. Assim sendo, Laurence não disse nada até conseguir afastar-se em segurança. Depois, foi para o quarto e esteve a ver os horários dos autocarros.

Uns dias mais tarde, quando os pais ainda estavam a dormir, Laurence desceu as escadas em bicos de pés e encontrou a mala de mão da mãe na pequena mesa de apoio junto à porta da rua. Abriu o fecho como se um animal vivo pudesse saltar cá para fora. Cada ruído na casa soava demasiado alto: a máquina de café a aquecer, o frigorífico a zumbir. Laurence descobriu uma carteira de couro dentro da mala de mão da mãe e tirou 50 dólares. Estava sempre à espera de ver agentes da polícia a entrar de rompante pela porta da frente e a algemarem-no.

A segunda fase do plano de Laurence envolvia enfrentar a mãe cara a cara, logo depois de a ter roubado. Apanhou-a acabada de se levantar, ainda ensonada dentro do roupão amarelo-torrado, e disse-lhe que havia uma visita de estudo e que precisava que ela escrevesse um bilhete a dizer que ele podia ir (já tinha descoberto uma grande verdade universal, que as pessoas não pedem comprovativos de nada se *lhes* pedirmos comprovativos primeiro). A mãe de Laurence tirou uma robusta caneta ergonómica e escreveu uma nota de

autorização. A manicura da mãe estava a descascar. Laurence disse que podia ser uma viagem com estadia noturna e, que se fosse, telefonava. Ela disse sim com a cabeça, fazendo os vivos caracóis ruivos oscilar.

Ao caminhar para a paragem de autocarro, Laurence sentiu-se nervoso por um instante. Ia partir sozinho numa grande viagem e, além de uma moeda romana falsa, só tinha 50 dólares no bolso. E se alguém saltasse de trás dos caixotes do lixo do centro comercial e atacasse Laurence? E se alguém o arrastasse para o seu camião, e o conduzisse por milhares de quilómetros, antes de lhe mudar o nome para Darryl, e o forçasse a viver como seu filho educado em casa? Laurence tinha visto um filme na televisão sobre o assunto.

Mas, depois, Laurence lembrou-se dos fins de semana na natureza, de ter encontrado água fresca e raízes comestíveis, e de até ter afugentado um esquilo que parecia querer lutar com ele por causa do seu lanche. Tinha odiado cada segundo, mas se tinha conseguido sobreviver a isso, então conseguia apanhar um autocarro até Cambridge e descobrir como chegar ao local do lançamento. Ele era Laurence de Ellenburg, e era imperturbável. Laurence tinha acabado de descobrir que «imperturbável» não tinha nada que ver com as pessoas desarranjarem a nossa roupa, e agora usava a palavra sempre que podia.

— Sou imperturbável — disse Laurence ao condutor do autocarro.

O condutor encolheu os ombros, como se pensasse o mesmo, em tempos idos, até alguma coisa o ter perturbado.

Laurence tinha embalado uma data de provisões, mas só tinha trazido um livro, um fino livro sobre a última guerra interplanetária. Laurence terminou o livro numa hora, ficando depois sem nada para fazer exceto olhar pela janela. As árvores ao longo da autoestrada pareciam abrandar quando o autocarro passava por elas, e depois acelerar de novo. Uma espécie de dilatação do tempo. O autocarro chegou a Boston. A seguir, Laurence tinha de encontrar a estação T. Entrou em Chinatown, onde havia pessoas a vender coisas na rua e restaurantes com enormes aquários na montra, como se os peixes quisessem inspecionar potenciais clientes antes de os deixarem entrar. Depois, Laurence atravessava a água e o Museu da Ciência brilhava

sob o sol matinal, abrindo-lhe os seus braços de aço e vidro, e acenando-lhe com o seu Planetário.

Só ao chegar ao campus do MIT, enquanto estava parado em frente ao Legal Sea Foods a tentar perceber o mapa codificado dos edifícios, é que se apercebeu de que não fazia ideia de como descobrir onde ia ter lugar o lançamento do foguetão.

Laurence tinha imaginado que chegava ao MIT e este pareceria uma versão maior da Escola Básica Murchison, com degraus fronteiros e um quadro de avisos onde as pessoas postavam atividades futuras. Laurence nem sequer conseguiu entrar nos primeiros edifícios em que tentou. Encontrou um quadro onde as pessoas postavam avisos de palestras, e conselhos amorosos, e os Prémios Ig Nobel. Mas nenhuma indicação de como ver o grande lançamento.

Laurence acabou no Au Bon Pain, a comer um queque de milho e a sentir-se um fracasso. Se conseguisse ter acesso à Internet, talvez fosse capaz de saber o que fazer a seguir, mas os pais ainda não o deixavam ter um telemóvel, muito menos um portátil. No café, ouviam-se lamentosos sucessos antigos: Janet Jackson a dizer que se sentia sozinha, Britney Spears a confessar que o tinha voltado a fazer. Arrefeceu cada golo de chocolate quente com um longo sopro, enquanto tentava planear estratégias.

O livro de Laurence tinha desaparecido. Aquele que tinha lido no autocarro. Tinha-o colocado na mesa, junto ao queque, e agora tinha desaparecido. Não, esperem, estava nas mãos de uma mulher na casa dos vinte, com longas tranças castanhas, uma cara larga, e uma camisola vermelha tão felpuda que quase tinha pelo. Tinha as mãos calejadas e botas de trabalho. Virava e revirava o livro de Laurence nas mãos.

— Desculpa — disse ela. — Lembro-me deste livro. Li-o umas três vezes no liceu. Este é o que tem o sistema de estrelas binário que entra em guerra com os IA<sup>3</sup> que vivem no cinturão do asteroide. Certo?

— Hum, sim — respondeu Laurence.

— Boa escolha.

Agora ela estava a inspecionar o pulso de Laurence.

---

<sup>3</sup> IA: Inteligência Artificial. [N. da E.]



— Ei, isso é uma máquina do tempo de dois segundos, não é?

— Hum, sim — respondeu Laurence.

— Fixe. Também tenho uma.

Mostrou-lha. Era semelhante à de Laurence, um pouco mais pequena e tinha uma calculadora.

— Levei imenso tempo a perceber aqueles diagramas online. É um pequeno teste às capacidades de engenharia e à determinação e, no fim, fica-se com um pequeno dispositivo com milhentos usos. Importas-te que eu me sente? Estou em pé e isso faz-me sentir uma figura de autoridade.

Laurence disse que sim. Estava a ter dificuldade em contribuir para a conversa. A mulher sentou-se em frente dele e dos restos do queque dele. Agora que ambos tinham os olhos ao mesmo nível, ela era a modos que bonita. Tinha um nariz engraçado e um queixo redondo. Recordava-lhe uma professora de Estudos Sociais, pela qual tivera um fraquinho, no ano anterior.

— Sou a Isobel — disse a mulher. — Sou cientista de foguetões.

Acabou por ficar a saber que ela tinha vindo ver o grande lançamento do foguetão, mas que o lançamento tinha sido adiado por problemas de última hora, por causas das condições atmosféricas, e várias outras razões.

— Se calhar vou ficar por aqui nos próximos dias. Sabes como são estas coisas.

— Oh!

Laurence olhou para a espuma do seu chocolate quente. Então era assim. Não ia conseguir ver nada. Tinha-se deixado acreditar que iria ver um foguetão a ser lançado, uma coisa que tinha estado mesmo à sua frente e que agora estava livre da gravidade do nosso planeta, e dessa forma também ele seria libertado. Podia regressar à escola e não faria diferença porque tinha estado ligado a uma coisa que estava no espaço sideral.

Agora ia ser o anormal que tinha faltado à escola para nada. Olhou para a capa do livro, que tinha uma pintura de uma protuberante nave espacial e de uma mulher nua com olhos a fazer de seios. A capa do livro tinha escrito: *FORAM ATÉ AOS CONFINS DO UNIVERSO — PARA IMPEDIR UM DESASTRE GALÁTICO!*

— Bolas — disse Laurence. — Obrigada por me dizeres.

— De nada — respondeu Isobel.

Falou-lhe mais sobre o lançamento do foguetão e do quão revolucionário era este novo modelo, coisas que ele já sabia, e depois ela notou que ele estava infeliz.

— Ei, não te preocupes. Foi apenas adiado uns dias.

— Sim, mas — respondeu Laurence — nessa altura não poderei cá estar.

— Oh!

— Estarei ocupado com outras coisas. Tenho outro compromisso.

Laurence gaguejou um pouco. Pressionou a ponta da mesa, e a película do seu chocolate quente ficou enrugada.

— Deves ser um homem ocupado — disse Isobel. — Parece-me que tens uma agenda muito cheia.

— Na realidade — respondeu Laurence. — Todos os dias são iguais. Menos hoje.

E agora ele começou a chorar. Raios.

— Ei.

Isobel levantou-se da cadeira em frente a ele e foi sentar-se ao lado dele.

— Ei. Ei. Está tudo bem. Ouve, os teus pais sabem onde estás?

— Não — Laurence fungou. — Não aqui.

Acabou a contar-lhe tudo. Como tinha roubado 50 dólares à mãe, como tinha faltado à escola e apanhado um autocarro e o T. Ao contar a Isobel, começou a sentir-se mal por causar preocupação aos pais, mas também sabia, cada vez com mais certeza, que esta proeza não se repetiria. Pelo menos não dali a uns dias.

— Certo — disse Isobel. — Uau. Bem, acho que tenho de telefonar aos teus pais. Mas vão levar algum tempo a chegar cá. Em particular com as indicações confusas que lhes vou dar para chegarem ao local do lançamento.

— Local do lançamento? Mas...

— É onde vais estar quando eles chegarem.

Deu uma palmadinha no ombro de Laurence. Graças a Deus, ele tinha deixado de chorar e estava a recompor-se.

— Anda, vou mostrar-te o foguetão. Faço-te uma visita guiada e apresento-te a algumas pessoas.

Levantou-se e ofereceu uma mão a Laurence. Ele aceitou-a.

E foi assim que Laurence conheceu cerca de uma dúzia dos mais fixes nerds de foguetões da Terra. Isobel levou-o no seu *Mustang* vermelho a cheirar a tabaco, e os pés de Laurence estavam enterrados debaixo de embalagens de *Fritos*. Laurence ouviu MC Frontalot pela primeira vez na aparelhagem do carro dela.

— Alguma vez leste Heinlein? Talvez seja demasiado adulto, mas aposto que conseguias dar conta dos juvenis dele. Espera.

Vasculhou no assento de trás e entregou-lhe um livro gasto chamado *Tens Fato Espacial — Vais Viajar*, que tinha uma capa agradavelmente vívida. Disse-lhe que podia ficar com ele, ela tinha outro exemplar.

Andaram ao longo da Memorial Drive e, a seguir, através de uma série interminável de autoestradas, estradas em ziguezague e túneis idênticos, e Laurence percebeu que Isobel tinha razão: mesmo se ela lhes desse indicações perfeitas e que não fossem confusas, os pais dele perder-se-iam várias vezes ao tentarem vir buscá-lo. Queixavam-se sempre de que guiar em Boston era estar a pedi-las. Com a chegada de nuvens, a tarde tornou-se mais enfadonha, mas Laurence não se importou.

— Contempla — disse Isobel —, um foguetão de etapa única Terra-órbita. Vim de Virgínia para ajudar nisto. O meu namorado está morto de ciúmes.

Era duas ou três vezes o tamanho de Laurence, abrigado num celeiro perto da água. O metal pálido da sua fuselagem brilhava através das janelas do celeiro. Isobel andou com Laurence à volta dele, mostrando-lhe todas as fantásticas características, incluindo o isolamento de nanofibra de carbono que revestia os sistemas de combustível e o leve polímero de silicato/orgânico que cobria os motores.

Laurence estendeu a mão e tocou no foguetão, sentido a superfície ondulada com as pontas dos dedos. As pessoas começaram a deambular, querendo saber quem era este miúdo e porque é que estava a tocar no seu precioso foguetão.

— Isso é equipamento delicado.

Um homem de lábios cerrados, envergando uma camisola de gola alta, cruzou os braços.

— Não podemos ter uns miúdos quaisquer a correr pelo celeiro do nosso foguetão — disse uma mulher de jardineiras.

— Laurence — disse Isobel. — Mostra-lhes.

Ele sabia o que ela queria dizer.

Alcançou o pulso direito com a mão esquerda e pressionou o pequeno botão. Sentiu a sensação familiar, como um batimento cardíaco em falta ou duas inspirações, que não demoravam tempo nenhum. A seguir tinham-se passado dois segundos, e ele ainda estava de pé, junto ao belo foguetão, dentro de um círculo de pessoas que estavam todas a olhar para ele. Toda a gente bateu palmas. Laurence notou que todos usavam coisas nos pulsos, como se fosse uma moda. Ou um distintivo.

Depois disso, trataram-no como se fosse um deles. Ele tinha conquistado um pequeno fragmento de tempo, e eles estavam a conquistar uma pequena parte do espaço. Tal como ele, eles compreendiam que isto era um pagamento adiantando. Um dia, seriam donos de uma parte muito maior do cosmos, ou os seus descendentes seriam. Celebravam-se as pequenas vitórias e sonhava-se com as grandes.

— Ei, miúdo — disse um tipo cabeludo de calças de ganga e sandálias. — Vê o que eu fiz com o design deste propulsor. É bestial

— O que *nós* fizemos — corrigiu-o Isobel.

O Tipo da Gola Alta era mais velho, nos trintas ou nos quarentas, talvez mesmo nos cinquentas, com cabelo grisalho a tornar-se fino e fartas sobranceiras. Estava sempre a fazer perguntas a Laurence e a tirar apontamentos no telemóvel. Perguntou duas vezes a Laurence como se escrevia o nome dele.

— Miúdo, lembra-me para te ir procurar quando fizeres 18 anos — disse ele.

Alguém trouxe uma pizza e um refrigerante a Laurence.

Pela altura que os pais de Laurence chegaram, irritadíssimos depois de terem de decifrar Turnpike e Storrow Drive, os túneis e tudo o mais, Laurence tinha-se tornado a mascote do Bando do Foguetão Etapa-Única. Na longa viagem de regresso a casa, Laurence desligou

dos pais, que lhe estavam a explicar que a vida não é uma aventura, pelo amor de Deus, a vida é longa e dura, é um conjunto de responsabilidades e exigências. Quando Laurence tivesse idade para fazer o que quisesse, teria idade para perceber que não podia fazer o que lhe apetecia.

O sol pôs-se. A família parou para comer hambúrgueres e para mais sermões. Laurence estava sempre a olhar para debaixo da mesa, para o seu exemplar aberto de *Tens Fato Espacial — Vais Viajar*. Já estava a meio do livro.

UM ROMANCE ORIGINAL SOBRE O FIM DO MUNDO...  
E O PRINCÍPIO DO NOSSO FUTURO.



Patricia e Laurence tornaram-se amigos quando o resto da escola decidiu marginalizá-los: Laurence, por ser um *geek* dos computadores, e Patricia, por ser uma suposta bruxa que fala com animais. Mas a interferência das famílias e a ocorrência de circunstâncias muito involgares acabam por ditar o fim da amizade.

Quando chegam à idade adulta, os dois têm vidas muito diferentes, mas um objetivo em comum: Laurence tornou-se um génio da engenharia e está envolvido na criação de uma máquina de viagens intergaláticas, para salvar os humanos do colapso do planeta; e Patricia, formada na academia secreta de magia, trabalha para reparar os eternos problemas da Terra e dos seus habitantes.

Inevitavelmente, os dois amigos voltam a reunir-se, graças a uma força maior do que eles: algo gigantesco e imperial que trará o apocalipse. E Patricia e Laurence nem imaginam que serão as suas escolhas a determinar o destino do planeta e de toda a Humanidade.



Cheio de magia e ciência, humor negro, amor, *geeks* e um universo no apocalipse, este é um livro demasiado importante para deixar passar ao lado.

<b>TOPSELLER</b> os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8869-31-9  9 789898 869319 Literatura Fantástica
--	--